

## A MEDIAÇÃO DE LEITURA PARA JOVENS E ADULTOS: AÇÕES E PRÁTICAS POSSÍVEIS

### READING MEDIATION FOR YOUNG PEOPLE AND ADULTS: POSSIBLE ACTIONS AND PRACTICES

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19890

Janaina Freire de Oliveira dos Santos<sup>1</sup>

Patrícia Bergamaschi Maciel Pilon<sup>2</sup>

Rodrigo dos Santos Sbardelini<sup>3</sup>

**Resumo:** O artigo destaca a importância da mediação de leitura na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil. Apresenta estratégias adaptadas para atender à diversidade desse público, tendo Paulo Freire como referência. Propõe o uso de livros-imagem, como a obra *Triste* de Rafael Sica, para promover a leitura e desenvolver percepção visual e pensamento crítico, e *O cozer das pedras, o roer dos ossos* de Patrick Torres, pela abordagem de questões sociais sensíveis. Ressalta a mediação de leitura como ferramenta de empoderamento, reflexão crítica e engajamento cívico na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

**Palavras-chave:** educação de jovens e adultos; mediação de leitura; Paulo Freire; biopolítica; reflexão crítica.

**Abstract:** The article highlights the importance of reading mediation in Youth and Adult Education (EJA) in Brazil. It presents strategies adapted to meet the diversity of this audience, using Paulo Freire as a reference. It proposes the use of picture books, such as Rafael Sica's *Triste*, to promote reading and develop visual perception and critical thinking, and Patrick Torres' *O cozer das pedras, o roer dos ossos*, for addressing sensitive social issues. It emphasizes reading mediation as a tool for empowerment, critical reflection and civic engagement in building a more just and inclusive society.

**Keywords:** youth and adult education; reading mediation; Paulo Freire; biopolitics; critical reflection.

<sup>1</sup> Doutoranda e metras em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é professora de Artes da Prefeitura de São Paulo-SP. E-mail: janafro@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9732-4233>.

<sup>2</sup> Mestra em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professora de língua portuguesa. E-mail: patinhabergamaschi@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-9867-1003>.

<sup>3</sup> Mestre em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pesquisador. E-mail: rodrigo.sbardelini1@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-2134-2726>.

## Introdução

Vivemos num país onde, ainda no século XXI, parte de sua população não domina a leitura e a escrita. Segundo dados coletados no Censo Escolar de 2022<sup>4</sup> realizado pelo Ministério da Educação (MEC), 7% da população brasileira não sabe ler nem escrever, o que equivale a cerca de 11 milhões de pessoas com idade superior a 15 anos.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) consiste numa modalidade de ensino que busca oferecer oportunidades educacionais para pessoas que não tiveram acesso ou concluíram seus estudos na idade apropriada. Ela é destinada a jovens acima de 15 anos de idade e adultos que desejam retomar a educação básica, compreendendo os níveis do Ensino Fundamental e Médio.

As políticas públicas para a EJA reconhecem que as pessoas podem iniciar ou retomar seus estudos em diferentes momentos da vida, seguindo uma abordagem flexível para atender às necessidades e especificidades desse público.

Atualmente, o perfil do público que procura e/ou frequenta os cursos destinados à alfabetização de jovens e adultos, em muitos dos casos, são formados por mulheres e homens de diferentes idades; deficientes físicos que tiveram seu direito à educação na idade adequada impedido por questões físicas e/ou estruturais, e adolescentes, na grande maioria do sexo masculino, com histórico de violência, repetência e abandono<sup>5</sup>.

Mesmo com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDB), a Lei n. 9.394 de 1996, muitos são os desafios enfrentados pela EJA, os quais incluem a necessidade de superar barreiras socioeconômicas, criar ambientes de aprendizagem inclusivos e garantir recursos adequados de apoio aos estudantes para seus estudos.

Torna-se interessante destacar que esta modalidade de ensino desempenha um papel crucial na promoção da educação como um direito fundamental para todas as pessoas, independentemente da idade, de seu contexto social, econômico e cultural.

A LDB oferece um arcabouço legal para a implementação e regulamentação da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, ao reforçar o princípio da educação como um direito fundamental e a necessidade de inclusão e igualdade de oportunidades no sistema educacional brasileiro. Porém, mesmo se tratando de uma política pública com foco na erradicação do analfabetismo, muito ainda precisa ser feito para que de fato este direito seja garantido.

---

<sup>4</sup> Dados disponíveis em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados/2022> - Acesso em: 16 nov. 2025.

<sup>5</sup> Ver Censo Escolar de 2022, disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados/2022> Acesso em: 16 nov. 2025.

Há a necessidade de se conceber estratégias e repensar metodologias de ensino adaptadas para atender às necessidades e especificidades de aprendizado desse público, reconhecendo suas experiências de vida e seus conhecimentos prévios.

Enquanto educador, pernambucano de origem, que vivenciou a pobreza e o analfabetismo entre os seus, Paulo Freire concebeu uma teoria a qual valorizava uma prática educativa que criticava metodologias tradicionais, propondo uma visão educacional que capacitasse as pessoas à compreensão crítica do mundo em que vivem, para assim transformarem suas realidades.

Para Paulo Freire (1987), a educação deveria ser o meio promotor da liberdade, como um processo emancipatório o qual permitisse às pessoas alcançarem uma compreensão crítica de sua existência e se tornarem agentes ativos na transformação social. E essa transformação social partiria da atuação dos sujeitos na construção de seu processo educacional, dialogando com sua realidade, sua cultura, sua bagagem de conhecimento de vida, numa perspectiva colaborativa e de trocas mútuas.

Refletindo sobre as concepções de Paulo Freire e a atual realidade da educação de jovens e adultos, pretende-se com este artigo, conceber e analisar, a partir de pressupostos teóricos e metodológicos, estratégias de mediação de leitura e formação de leitores literários na EJA, tendo como subsídio a concepção de educação de Paulo Freire e algumas possibilidades de abordagens literárias as quais possam ser utilizadas como recursos para tal.

Assim, para esta análise, serão utilizados dois *corpora*: o livro-imagem *Triste*, de Rafael Sica e o romance *O cozer das pedras, o roer dos ossos*, de Patrick Torres. Para justificar e garantir embasamento teórico, os quais corroboram com a proposta de mediação e incentivo à leitura, serão utilizadas as teorias sobre leitura de imagem e percepção visual, abordadas por Didi-Huberman (2010 e 2012) e Rudolf Arnheim (2021), a recepção por Wolfgang Iser (1996), a experiência na educação por Jorge Larrosa (2014), o estímulo à criatividade por Fayga Ostrower (2014) e a mimese e a verossimilhança de Aristóteles (2018).

A metodologia de análise aqui apresentada não pressupõe a utilização conjunta das duas obras selecionadas. Cada uma pode ser empregada de modo autônomo, conforme os objetivos pedagógicos, o contexto da mediação e as características do grupo de estudantes. No caso de *Triste*, por tratar-se de um livro-imagem, sua utilização é especialmente adequada para estudantes em processo de alfabetização, favorecendo a leitura visual, a construção de sentidos e o desenvolvimento da oralidade. Já *O cozer das pedras, o roer dos ossos* se mostra particularmente pertinente em contextos que demandam reflexões mais amplas, extrapolando a

leitura e a interpretação do texto para discussões de ordem social e política. Assim, a escolha por uma ou por ambas as obras deve responder às demandas formativas da EJA e ao propósito da prática de leitura em desenvolvimento.

## 1 A leitura de imagens

Temos negligenciado o dom de compreender as coisas por meio dos nossos sentidos. O conceito está divorciado do que se percebe, e o pensamento se move entre abstrações. Nossos olhos foram reduzidos a instrumentos para identificar e para medir, daí sofremos de uma carência de ideias exprimíveis em imagens e de uma capacidade de descobrir significado no que vemos (Arnheim, 2021, p. IX).

Ao mesmo tempo em que questiona o quanto tem se perdido da capacidade de realizar outras formas de leitura e o quanto a sociedade atual concentra-se apenas na leitura das palavras, ocasionando na falta de estímulos a outras formas e meios de melhor perceber e compreender o mundo, Arnheim, na citação acima, propõe uma provocação a qual pode servir de estímulo para a concepção de propostas voltadas à mediação de leitura junto a estudantes da educação da educação básica, sobretudo na educação de jovens e adultos.

Muitos dos estudantes que se matriculam e frequentam esta modalidade de ensino encontram-se na fase inicial de alfabetização ou ainda na fase de reconhecimento inicial das letras e formação de sílabas simples.

Conceber ações as quais envolvam a mediação de leitura visando a formação de leitores literários junto a um público tão heterogêneo torna-se um desafio ao educador, uma vez que, ao mesmo tempo em que, dependendo da abordagem, tende a excluir aqueles que ainda não apresentam o domínio da escrita, podem também gerar constrangimentos e aversão destes para todo e qualquer estímulo à leitura.

Uma solução viável e inclusiva, pautada na experiência e na exploração da subjetividade interpretativa, na imaginação, consiste em fazer uso e propor mediação de leitura a partir de livro-imagens.

Por livro-imagem compreende-se uma categoria específica de livro, não apenas destinado ao público infantil, em que as imagens apresentam um papel central na construção da narrativa e na interpretação. Em um livro-imagem as ilustrações podem acompanhar um texto, como também podem desempenhar um papel importante na contação da história, sendo elas as responsáveis pela constituição da narrativa. Esses livros são concebidos com o propósito de envolver leitores por meio de ilustrações vívidas e expressivas.

Um livro-imagem tende a contribuir para com a psicologia da percepção visual, entendida aqui como o campo que examina os processos por meio dos quais organizamos e interpretamos estímulos visuais, processos que, conforme Arnheim (2021), constituem formas de pensamento e não apenas reações sensoriais. Assim, ao mobilizar relações de forma, cor, ritmo, profundidade e composição, o livro-imagem ativa mecanismos perceptivos que participam da construção de sentido e da experiência estética.

Na educação, sobretudo na mediação de leitura com objetivo de formar leitores literários, essa experiência tende a ser extremamente valiosa, demonstrando o quão significativo pode ser a compreensão da percepção visual para o desenvolvimento da criatividade e a promoção do pensamento crítico.

Na literatura, muitos livros-imagem ainda são concebidos visando o público infanto-juvenil. Porém, na contemporaneidade, os autores têm se dedicado cada vez mais à criação de livros inteiramente ilustrados para outros públicos. Ou com narrativas as quais possam ser experienciadas pelo público em geral, independente da idade, como no caso do livro-imagem *Triste*, concebido por Rafael Sica e publicado em 2019 pela Lote 42.

Em *Triste*, a narrativa se desenvolve ao longo de 31 ilustrações que retratam uma mesma personagem em paisagens diversas e inesperadas, algumas realistas, outras permeadas pela fantasia. Em todas as cenas, a personagem permanece solitária, sem qualquer interação com o espaço que ocupa, e é representada com um semblante vago e um olhar perdido, marcado por uma tristeza constante.

Num primeiro momento de apreciação, tende-se a acreditar que o autor/artista, num ato premonitório, ilustrou situações as quais se tornariam comum à população mundial no ano seguinte ao seu lançamento, em 2020 com a pandemia de Covid-19 e a necessidade de isolamento social.

Por outro lado, pode-se apenas relacionar as ilustrações ao mal do século XXI; à tristeza desencadeada pela depressão, pela sensação de não pertencimento e pelo desinteresse que ela promove.

Conceber uma proposta de mediação de leitura utilizando esta obra junto aos estudantes da educação de jovens e adultos tende a resultar numa experiência literária e educativa significativa, uma vez que, como concebeu Larrosa,

Há algo no que fazemos e no que nos acontece, tanto nas artes como na educação, que não sabemos muito bem o que é, mas que é algo sobre o que temos vontade de falar e de continuar falando, algo sobre o que temos vontade de pensar, e de continuar

pensando, e algo a partir do que temos vontade de cantar, e de continuar cantando, porque justamente isso é o que faz com que a educação seja educação, com que a arte seja arte e, certamente, com que a vida esteja viva, ou seja, aberta a sua própria abertura (Larrosa, 2014, p. 13).

As ilustrações ali presentes carregam consigo potencialidades de significações e interpretações contraditórias e imprevisíveis, extrapolando as análises metódicas e as normativas oferecidas pelas deduções interpretativas comum aos historiadores da arte e teóricos literários.

Para Didi-Huberman, o ato de ler imagens consiste num processo ativo e interpretativo, com a imagem não apresentando nenhuma passividade, mas sim responsável pela construção de uma complexa cadeia de informações com o leitor/observador, tendo em vista que "[...]a imagem arde em seu contato com o real. Inflama-se, e nos consome por sua vez. Em que sentidos — evidentemente no plural — deve-se entender isto?" (Didi-Huberman, 2012, p. 208).

Ou seja, o autor concebe que a leitura de uma imagem envolve e requer a interação desta com o observador. Uma interação óbvia, porém com potencial de despertar nestes efeitos, reações, emoções e sensações, visto que as imagens carregam consigo vestígios ou marcas do passado.

Segundo Didi-Huberman (2010), independente do tempo, do modo como tenha sido concebida, a imagem tem o poder de mexer com as estruturas, provocar e ressignificar. Desse modo, o autor enaltece o potencial da imagem e sua capacidade de atingir e interferir na percepção humana.

Essa capacidade das imagens de transcender o tempo e de estabelecer conexões inesperadas entre diferentes períodos históricos, de possibilitar interpretações, compreensões e ressignificações desses rastros, consiste naquilo que o mesmo classificou como atemporal; independentemente do tempo em que foi concebida e/ou lida, a imagem carrega consigo potencial para intervir, mexer com as estruturas, causar pavor ou compaixão e estabelecer conexões inesperadas e imprevisíveis naquele que a lê.

Tendo em vista estas possibilidades, torna-se essencial desestruturar o olhar e a percepção de quem vê para conseqüentemente o reestruturar, como almejou Arnheim (2021), abandonando ideologismos referentes à exatidão da interpretação, abrindo caminho para uma subjetividade interpretativa. Segundo Didi-Huberman (2010) caberia tornar a imagem falante, desvendando e atribuindo às mesmas significados, tal como acontece com a leitura das palavras.

Para Didi-Huberman (2010), as imagens possuem a capacidade de afetar profundamente o observador, abrindo novas possibilidades de leitura que só se realizam plenamente no encontro efetivo com a obra. É nesse contato que o leitor se engaja ativamente, estabelecendo conexões, produzindo inferências, formulando interpretações e reelaborando o sentido da imagem a partir de sua própria realidade, contexto e experiência. Trata-se de um processo que dialoga diretamente com os princípios da estética da recepção, para a qual a obra se atualiza no ato interpretativo de quem a vê.

Já para os estudiosos da Estética da Recepção, sobretudo Iser (1996), a leitura enquanto um processo dinâmico, desperta e promove interpretações que somente são possíveis a partir do momento em que o texto literário interage com o leitor, garantindo significado e preenchendo os vazios presentes, intencionais ou não, com suas particularidades e subjetividades, com suas emoções, atingindo, desse modo, o status de obra literária.

Segundo Iser (1996), o potencial de efeito provocado pelo texto junto aos leitores compreende uma atividade imaginativa que é gerada pela e a partir da leitura, seja ela de um texto, seja de uma imagem, como no caso do livro de Sica. Iser argumenta que o texto literário é incompleto, cabendo ao leitor preencher as lacunas deixadas pelo autor através de sua participação ativa na construção de significado.

Esse potencial criativo, imaginativo e transformador, tende a orientar e transformar significativamente o leitor e sua experiência de leitura, haja visto que

Toda forma é forma de comunicação ao mesmo tempo que forma de realização. Ela corresponde ainda a aspectos expressivos de um desenvolvimento interior na pessoa, refletindo processos de crescimento e de maturação cujos níveis integrativos consideramos indispensáveis para a realização das potencialidades criativas (Ostrower, 2014, p. 5-6).

Para Iser (1996), a bagagem sociocultural da qual o leitor faz parte interfere na forma como este irá se relacionar com a leitura, numa "[...] relação dialética entre texto, leitor e sua interação" (p.16), interação esta com sua consciência, com sua subjetividade, gerando assim o que classificou como "potencial de efeito".

Torna-se interessante destacar que Iser (1996) havia questionado, no prefácio de sua obra, *O ato de leitura*, se a função da literatura estaria atrelada à constituição humana. Trazendo essa reflexão um tanto quanto antropológica para a mediação de leitura e formação de leitores na educação de jovens e adultos, percebe-se que a compreensão de uma obra de arte não pode ser totalmente separada da experiência do leitor, uma vez que a interpretação desta não se

prende apenas a uma questão de descobrir a intenção do autor; envolve a contribuição ativa do leitor na construção de significado. Contribuição esta que não se restringe apenas à interpretação do que está sendo lido/observado, mas que interfere junto ao mesmo com reflexões que surgem a partir de então e que poderão despertar compreensões e ressignificações relevantes para o sujeito, a compreensão de si e do mundo.

Segundo Larrosa (2014), a experiência é extremamente importante para a formação humana. Para ele, a experiência não é apenas um conjunto de acontecimentos ou vivências, mas um processo mais profundo de reflexão e significado. Larrosa enfatiza a dimensão subjetiva da experiência e como ela contribui para a formação da identidade e do conhecimento, uma vez que

A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos (Larrosa, 2014, p. 10).

Desse modo, conceber uma mediação de leitura utilizando o livro-imagem *Triste* junto aos estudantes da EJA tende a proporcionar uma experiência de leitura, de percepção e de interpretação extremamente significativa junto aos estudantes, mesmo àqueles que ainda encontram-se em estágios iniciais de alfabetização, visto que a leitura de imagens, como visto, tende a articular áreas e conhecimentos diversos, sensíveis e relevantes, por ativar a imaginação e a criatividade.

## 2 A identificação com a obra literária

Expressões como “a arte imita a vida” sugerem que as criações artísticas, como pinturas, esculturas, literatura, música, teatro, cinema e outras formas de expressão artística, possuem a capacidade de representar, refletir ou imitar aspectos da vida real. Essa ideia tem raízes antigas e é muitas vezes associada à mimese, discutida por filósofos como Aristóteles em sua *Poética*.

Aristóteles (2018) discutiu a mimese como um dos modos fundamentais de representação artística, especialmente no que diz respeito à tragédia. Definiu a mimese como uma imitação da natureza, acreditando que os seres humanos possuem uma tendência inata para imitar e que essa imitação torna-se uma atividade fundamental na aprendizagem e na formação de caráter.



Quando relacionada à literatura, a mimese refere à busca pela representação, a partir da arte, da vida real e das ações humanas. Na Poética, Aristóteles (2018) destacou dois tipos principais de mimesis: a épica e a trágica. A mimese épica, como na poesia épica, envolveria a representação de ações através de narrativa, enquanto a mimese trágica a representação de ações por meio da encenação teatral.

Aristóteles considerou a tragédia uma forma mais elevada de mimese. Ele a definiu como a imitação de uma ação séria e completa que tem magnitude, feita por personagens com disposições adequadas, alcançando a purgação (catarse) das emoções do espectador. A tragédia, ao imitar ações de personagens nobres, proporciona uma experiência catártica no público, permitindo-lhes purificar e purgar emoções como o medo e a compaixão.

Através da representação de pessoas, lugares, eventos e emoções, a arte busca capturar a complexidade e a diversidade da experiência humana. Os artistas frequentemente exploram e interpretam a realidade, oferecendo perspectivas únicas, questionando normas e provocando reflexões sobre a condição humana. Tal como o enredo e as personagens trazidas pelo escritor piauiense Patrick Torres, em *O Cozer das pedras, o roer dos ossos*, publicado em 2023 pela Astral Cultural, o qual apresenta diversas possibilidades de mediação com os alunos que frequentam as aulas na EJA.

Neste romance, Torres traz personagens um tanto quanto reais, numa mimese capaz de despertar a identificação de muitos dos estudantes, tanto com a história de vida das personagens quanto com o enredo.

Sem nos darmos conta, nós nos orientamos de acordo com expectativas, desejos, medos, e sobretudo de acordo com uma atitude do nosso ser mais íntimo, uma ordenação interior. [...] sempre em busca de significados (Ostrower, 2014, p. 9).

A história narra a trajetória do protagonista Mirto, que cresceu presenciando a mãe, dona Hermina, sofrer violência doméstica pelas mãos do pai alcoólatra, Germão.

Em vida, Mirto morreria muitas vezes. Devia à angústia o pagamento de suas sucessivas ressurreições. Quanto de si precisava arrancar para ser quem de fato deveria ser? Não tinha resposta para isso. [...] Por ter muito medo da vida, nunca teve medo da morte. E por isso morreria muitas vezes (Torres, 2023, p. 16).

A realidade desta família somente muda quando a mãe pede ao filho que vá buscar o pai no bar da cidade, uma trágica e fatídica noite, em que Mirto perde a pouca inocência que lhe resta, ao matar o pai agressor. Separados pelo destino, mãe e filho anseiam por um reencontro em que possam se libertar através do perdão.

Dona Hermina, após enfrentar anos de submissão e agressão, começa a sentir o sabor da liberdade. Assim como ela, muitas mulheres são vítimas de violência doméstica no Brasil, mais especificamente uma mulher é agredida a cada quatro horas no país, segundo dados publicados no Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2025<sup>6</sup>.

Com o tempo as bofetadas aumentaram, e Hermininha, que com a gravidez tornara-se Dona Hermina, envolveu-se mais e mais na domesticidade pacífica da submissão forçada. Não tinha energias para levantar sobre o marido um dedo sequer, e, além disso, se algo de pior com ela acontecesse, quem iria do recém-nascido cuidar? (Torres, 2023, p. 94).

Trazer temas sensíveis para discussão é papel social da literatura, que pode não apenas remediar os sofrimentos humanos, mas também prover soluções para os mesmos, trazendo esperança para aqueles que não conseguem mais enxergá-la.

O alcoolismo corrosivo presente na obra através da figura de Germão expõe outro problema social enfrentado por muitas famílias, de acordo com a Vigitel (Sistema de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico), o padrão de consumo de bebidas alcoólicas de 18,4% da população brasileira é de bebedor abusivo, sendo esse percentual de 25,6% entre os homens.

As esposas desses lobisomens da pinga quase nunca tinham a coragem de mandar os filhos, até certo instante seguros dentro de casa, fazerem suas estradas para a cidade, em busca do elo paterno que ali se embebedava. Tinham medo, certamente, de que os meninos entrassem pelo caminho do perigo e voltassem para casa sob a forma de bicho bêbado, ou chegassem dentro de pano embebido em água vermelha com cheiro de ferro, mortos (Torres, 2023, p. 50).

Além dos relatos de violência relacionados ao uso excessivo de bebidas alcoólicas, também deve haver em sala de aula a abordagem do tema relacionado aos acidentes de trânsito provocados por embriaguez, estes que, embora tenham tido percentual reduzido após a implementação da Lei Seca no Brasil, ainda são responsáveis pela média de 1,2 morte por hora no país, chegando a quase 11.000 óbitos no ano de 2021, conforme CISA - Centro de Informações sobre Saúde e Álcool<sup>7</sup>.

### 3 O ato da vida e a biopolítica da existência humana

<sup>6</sup> Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2025/07/anuario-2025-infografico.pdf> Acesso em: 16 nov. 2025.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://cisa.org.br/> Acesso em: 16 nov 2025.

Assim como Mirto, protagonista em *O cozer das pedras, o roer dos ossos*, milhares de pessoas morrem todos os dias, mesmo ainda em vida.

Como poesia, ali construiu-se a narrativa da mulher sozinha que escolhera a única opção de vida que lhe fora dada: a condenação à solidão acompanhada. Não havia alternativa. Que limpasse o solo, então. Assim teria algo do que se orgulhar, como fazem os poetas que escrevem sobre amor ainda que não tenham amado. Quanto mais varria, mais próxima de si estava (Torres, 2023, p. 26).

No excerto acima, é possível identificar algumas análises críticas profundas acerca da relação entre poder, política e vida, tais como questionadas por Foucault (1999), nas quais identificou uma mudança fundamental na maneira como a política e vida estavam interligadas ao longo da história, particularmente na transição da era clássica para a modernidade. Mas afinal, o que é a morte?

Muitas podem ser as respostas para essa questão, uma metáfora, um ponto final, um momento de passagem para uma próxima fase do eu, mas antes de tudo, a morte é inevitavelmente política, como pode ser notado neste trecho da obra:

Quando a morte já havia sido para ela anunciada, sentada na sala de casa, em contato com o âmagô de seu próprio eu, Dona Hermina desenhou na folha de seu caderno algumas letras das quais lembrava-se, sem se confundir, e formou com segurança poucas palavras. Escreveu o que à sua mente vinha, sem se preocupar com firulas ou exageros - até porque pouco disso chegou ela a conhecer. Quando decidiu concluir o que escreveu, que era pouco menos de meia folha, pelejou para reler as próprias palavras, com o objetivo de certificar-se de que havia ali o que de fato desejava ao filho dizer um dia. Viu que era aquilo, e quando transbordou de satisfação ao ter finalmente conseguido escrever a Mirto, respirou aliviada. Dobrou a carta e a guardou no armário velho da cozinha, cujas portas já não muito se sustentavam fechadas... (Torres, 2023, p. 171-172).

Por isso, é necessário explorar as concepções foucaultianas de anátomo-política e biopolítica e como isso afetou a compreensão humana acerca do poder e do controle social (Oliveira, 2016). A morte “[...] é pensada num contexto político bem claro, ainda que numa armadura argumentativa que evidencia o paradoxo mesmo no qual se situa e se exerce a biopolítica [...]” (Nalli, 2020, p. 59).

A biopolítica, segundo Foucault (1999), diz respeito aos modos pelos quais o Estado e as instituições passam a gerir e regular a vida das populações, voltando-se para a otimização, o controle e a produtividade dos corpos — e não para seu cuidado ou bem-estar em sentido humanitário. Nesse sentido, trata-se de uma política interessada na longevidade e na eficácia da força de trabalho,

A sina de Dona Hermínia veio para além da cor da pele - esta, diga-se de passagem, era preta igual carvão, ressecada pela quentura do sertão e, vez ou outra, hidratada com óleo de soja que sobrava das comidas. Não. O amor que vivia ela também lhe fora pagamento de pecado existencial: apanhava do esposo (Torres, 2023, p. 18).

Pelbart (2007), ao dialogar com Foucault, enfatiza que o corpo torna-se uma realidade biopolítica justamente porque é socializado e capturado pelas dinâmicas do capitalismo, que o moldam e o administram.

E posto que a biopolítica deve ser entendida desde dentro da racionalidade governamental do liberalismo, não há como negligenciar a presença aí, ao menos como possibilidade fundamental (quer dizer, não acidental), como logicamente decorrente, desse exercício político do assassinio, do assassinato como estratégia constante num governo liberal (Nalli, 2020, p. 61).

“O ponto não é a morte, mas o poder e a função de matar, ou no mínimo de deixar morrer” (Nalli, 2020, p. 59). Esse poder, tem um propósito político, que transcende a mortalidade carnal do ser, trata-se de um findar da própria humanidade de um sujeito; a expulsão, exclusão e marginalização social de uma certa gama da população previamente determinada a partir de convenções sociais estabelecidas.

Em outras palavras, tirar a vida, o imperativo da morte, só é admissível, no sistema de biopoder, se tende não à vitória sobre os adversários políticos, mas à eliminação do perigo biológico e ao fortalecimento, diretamente ligado a essa eliminação, da própria espécie ou da raça. A raça, o racismo, e a condição de aceitabilidade de tirar a vida numa sociedade de normalização. Quando vocês têm uma sociedade de normalização, quando vocês têm um poder que e, ao menos em toda a sua superfície e em primeira instância, em primeira linha, um biopoder, pois bem, o racismo é indispensável como condição para poder tirar a vida de alguém, para poder tirar a vida dos outros. A função assassina do Estado só pode ser assegurada, desde que o Estado funcione no modo do biopoder, pelo racismo (Foucault, 1999, p. 306).

Todos os dias pessoas pretas sofrem racismo, pessoas LGBTQIAPN+<sup>8</sup> são expulsas de suas casas, mulheres são agredidas por seus parceiros, a população de rua esquecida, assim, a partir desta desumanização, elas são mortas. Em uma sociedade da normalização, certos grupos de pessoas estão fadadas a esta morte diária, mortes políticas ou até mesmo literais; a normalização do constante desumanizar destes corpos é reflexo da biopolítica em pleno exercício. “A radicalidade do paradoxo da biopolítica reside justamente na possibilidade de

---

<sup>8</sup> A sigla LGBTQIAPN+ reúne, de forma inclusiva, diferentes identidades de gênero e orientações sexuais. Cada letra representa um grupo: Lésbicas, Gays, Bissexuais, pessoas Transsexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais e pessoas Não binárias, enquanto o “+” abrange outras identidades e expressões que compõem a diversidade sexual e de gênero. Fonte: Guia ANS de diversidade e inclusão (2021).

haver um exercício político de morte, ou melhor de matar, que se justifica ou que se exerce como uma ação para assegurar a vida” (Nalli, 2020, p. 61); o que é concretizado no discurso fundamentalista que defende a família (ou ao menos uma ideia ultrapassada de família), ao condenar e decretar a morte política de LGBTQIAPN+, ou declamar que bandido bom é bandido morto, mesmo que não factual, este discurso de ódio fundamentalista, constrói uma agenda de morte constante e cíclica, a qual tende a se repetir.

### Considerações finais

Diante do exposto, é possível concluir que a mediação de leitura na Educação de Jovens e Adultos é uma ferramenta crucial para enfrentar os desafios persistentes no cenário educacional brasileiro. A análise das teorias educacionais de Paulo Freire proporciona uma base sólida para a compreensão de práticas pedagógicas inclusivas e transformadoras.

A utilização de livros-imagem, como exemplificado com o trabalho de Rafael Sica em *Triste*, emerge como uma estratégia eficaz para atender à diversidade de experiências e níveis de alfabetização presentes na EJA. Essa abordagem permite não apenas a promoção da leitura, mas também o desenvolvimento da percepção visual, criatividade e pensamento crítico dos estudantes.

Já a obra *O cozer das pedras, o roer dos ossos*, de Patrick Torres, destaca a importância da literatura na abordagem de questões sociais sensíveis, como violência doméstica e alcoolismo. Através da identificação com as narrativas, os alunos da EJA podem encontrar uma oportunidade de reflexão e diálogo sobre suas próprias realidades, além disso, a discussão sobre a biopolítica, fundamentada nas análises de Michel Foucault, revela a complexidade das relações entre poder, política e vida. A compreensão da morte como um fenômeno político evidencia a necessidade de abordar questões sociais urgentes, como o racismo e a exclusão, dentro do contexto educacional.

Portanto, a mediação de leitura na EJA não deve ser apenas uma ferramenta para a promoção da alfabetização, mas também um meio de empoderamento, reflexão crítica e engajamento cívico. Ao adotar abordagens inovadoras e sensíveis, é possível transformar a educação de jovens e adultos em um instrumento efetivo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

### Referências

ARISTÓTELES. *Sobre a arte poética*. Tradução de Antônio Mattoso e Antônio Queirós Campos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e a percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Thomson Learning, 2021.

BRASIL. Agência Nacional de Saúde Suplementar. *Guia ANS de diversidade e inclusão*. Brasília: ANS, 2021. Disponível em: [https://www.gov.br/ans/pt-br/assuntos/noticias/sobre-ans/ans-lanca-publicacao-sobre-diversidade-e-inclusao/copy\\_of\\_GuiaANSdediversidadeeeincluso.pdf?utm\\_source=chatgpt.com](https://www.gov.br/ans/pt-br/assuntos/noticias/sobre-ans/ans-lanca-publicacao-sobre-diversidade-e-inclusao/copy_of_GuiaANSdediversidadeeeincluso.pdf?utm_source=chatgpt.com). Acesso em: 16 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Vigitel Brasil 2021: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico*. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/svs/vigitel>. Acesso em: 16 nov. 2025.

CISA – Centro de Informações sobre Saúde e Alcool. *Movimento maio amarelo*. 2021. Disponível em: <https://cisa.org.br/pesquisa/dados-oficiais/artigo/item/150-movimento-maio-amarelo>. Acesso em: 16 nov. 2025.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. Traduzido do espanhol, do endereço eletrônico: [http://www.macba.es/uploads/20080408/Georges\\_Didi\\_Huberman\\_Cuando\\_las\\_imagenes\\_to\\_can\\_lo\\_real.pdf](http://www.macba.es/uploads/20080408/Georges_Didi_Huberman_Cuando_las_imagenes_to_can_lo_real.pdf). Pós: *Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204-219, nov. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454>. Acesso em: 20 dez. 2025.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/279>. Acesso em: 16 nov. 2025.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. I. Tradução Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Tradução Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MORAES, Marcelo Jacques de. A morte e o infinito: entre Michel Deguy e Charles Baudelaire. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 11, p. 130-144, 2004. DOI: <https://doi.org/10.55702/3m.v8i11.37852>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/37852>. Acesso em: 10 nov. 2023.

NALLI, M. A morte em Foucault e Agamben: um denominador (in)comum. *Revista Reflexões*, Fortaleza, Ano 9, n. 16, p. 57-71, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistareflexoes.com.br/wp-content/uploads/2020/03/4.2-Dossie-Marocs-Nali.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2023.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 2014.

PELBART, P. P. Biopolítica. *Sala Preta*, São Paulo, v. 7, p. 57-66, 2007. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v7i0p57-66>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57320>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SICA, Rafael. *Triste*. São Paulo: Lote 42, 2019.

TORRES, Patrick. *O cozer das pedras, o roer dos ossos*. Bauru/SP: Astral Cultural, 2023.

*Recebido em 10 de junho de 2025*

*Aceito em 01 de dezembro de 2025*